

Contribuição do Cristianismo Bíblico para o Desenvolvimento de uma cultura não-violenta

I. INTRODUÇÃO:

A existência de conflitos interpessoais sempre foi uma realidade humana, presente nos registros históricos e bíblicos, seja na disputa de Caim e Abel (Bíblia Gn 4) no veredito do Rei Salomão dado a duas mães pela disputa por um filho (1Rs 3), na vida diária de Jesus, de Gandhi, entre tantos nomes.

A disputa, ou conflito interpessoal é a manifestação de desacordo entre as partes envolvidas, em virtude de diferenças em suas crenças e valores, especialmente pela prevalência da falta de humildade e da obstinação em sustentar uma posição pessoal e particular, em detrimento de uma posição flexível focada também nos interesses do outro. A justificativa sócio-cultural para este comportamento defensivo é a competitividade humana, decorrente da perda contínua de valores sócio-culturais, relacionados à capacidade de escuta, troca afetiva, convivência social, respeito e amor ao próximo, cada dia mais evidente em nossa sociedade.

Tenderíamos a justificar que a tecnologia tão avançada é a responsável por esta perda relacional, mas os impasses existentes desde a antiguidade refutam esta possibilidade, pois o coração do homem, desde os primórdios da criação, possui uma inclinação natural para a preservação do próprio eu, em detrimento do que isto possa significar na vida do outro e da sociedade; no caso do veredicto do rei Salomão no ano de 550 a.C, certamente não foi a tecnologia a geradora do conflito, mas sim a dificuldade de lidar com a verdade, a falta de integridade e de temor a Deus.

O rei Salomão legislou, sendo reconhecido como um rei sábio, que pediu a Deus sabedoria e discernimento para ser justo, ao invés de vida longa, riqueza e nem a morte de seus inimigos, tanto quanto um mediador de conflitos da atualidade, que segundo Soares (1996) pode ser uma “terceira parte que ajuda a encontrar outra forma de encarar e conduzir disputas, a chegar a um acordo, desatolando as partes da posição rígida que ocupam no desacordo” precisa de sabedoria e discernimento para conduzir a disputa adequadamente, a despeito da motivação secreta, existente em cada coração.

Lê-se nas escrituras sagradas, no livros de 1Rs 3:

“Certo dia duas prostitutas compareceram diante do rei. Uma delas disse: Ah meu senhor! Esta mulher mora comigo, na mesma casa. Três dias depois de nascer o meu filho, esta mulher também deu à luz um filho. Estávamos sozinhas; não havia ninguém na casa.

Certa noite esta mulher se deitou sobre o seu filho e ele morreu. Então ela se levantou no meio da noite e pegou o meu filho enquanto eu, tua serva, dormia e o pôs ao seu lado. E pôs o filho dela, morto, ao meu lado. Ao levantar-me de madrugada para amamentar o meu filho, ele estava morto. Mas quando olhei bem para ele de manhã, vi que não era o filho que eu dera à luz.

A outra mulher disse: “Não! O que está vivo é meu filho; o morto é seu”. Mas a primeira insistia: “Não! O morto é seu, o vivo é meu” Assim, elas discutiram diante do rei. O rei disse: “Esta afirma: “Meu filho está vivo e o seu está morto”, enquanto aquela diz: “Não! Seu filho está morto e seu meu está vivo”.

Então o rei ordenou: “Tragam-me uma espada”. Trouxeram-lhe. Ele ordenou: “Cortem a criança viva ao meio e dêem metade a uma e metade à outra”. A mãe do filho que estava vivo, movida pela compaixão materna, clamou: “Por favor, meu senhor dê a criança viva a ela! Não a mate. A outra, porém disse: “Não será nem minha, nem sua. Cortem-na ao meio!”

Então o rei deu seu veredicto: “Não matem a criança! Dêem-na à primeira mulher. Ela é a mãe” Quando todo o Israel ouviu o veredicto do rei, passou a respeitá-lo profundamente pois viu que a sabedoria de Deus estava nele para fazer justiça.

Em concordância com a posição de Soares (1996), o rei Salomão “desatolou” o impasse quando através de uma proposição de solução inédita – a divisão ao meio da criança viva – conduziu a mãe verdadeira a agir pela motivação desinteressada, abrindo mão da maternidade para preservar a vida do filho, independentemente de quem o criaria. A solução do conflito foi gerada por uma das partes, que vislumbrou

além de si mesma, privilegiando que a vida do bebê era mais valiosa que a prevalência da justiça própria.

Galtung (1998) estudioso da vida e das obras de Gandhi, escreveu que este se fundamentava mais no poder do indivíduo sobre si mesmo, de que no poder sobre os outros, ressaltando que a “chave para a neutralização do controle é o auto-controle”(pg.89)

Muller (2006) filósofo francês, estudioso da resolução de conflitos não-violenta, escreve que para Gandhi a não-violência perfeita é a total ausência de animosidade em relação à tudo que vive (op.cit., pg 41) e ressalta a importância de que todo ser humano reconheça e aceite esta inclinação inerente à natureza humana, defendendo a posição de que verdade e não-violência estão intimamente ligadas e afirma que não-violência é o choque entre dois egoísmos, a confrontação de dois narcisismos.

Kant (1993) afirma que sempre nos defrontamos com nosso querido eu que nunca deixa de aparecer no final.

Tanto Gandhi, Kant e Muller estão de acordo com relação à relevância do egocentrismo e sua contribuição para a violência, mas acreditam na possibilidade de escolha pela não violência, como decisão volitiva e racional. Muller(2006) citando Eric Weill (1992) afirma: “além disso e acima de tudo, aqueles que escolhem a razão, o fazem em um mundo onde os outros escolheram a violência; devem portanto, empreender esforços também para educar esses outros para a razão e transformar o mundo para por um fim - na medida do possível - do império da violência”

Para que a citação de Muller deixe de ser retórica e teórica e possa ser posta em prática, ela requer uma cosmovisão, ou epistemologia onde o conceito de razão seja definido para que então, após ser compreendido, possa ser aplicado, confirmado e ratificado; se não for desta forma, a afirmativa de Muller deixa de ser lógica, a medida que não há como empreender esforços por algo que não esteja claramente definido no combate ao que nomeia de violência..

Ao expandir a compreensão sobre a cosmovisão cristã, pode-se constatar que é um sistema racional consistente, repleto de pressupostos que enfatizam a verdade, o amor, o respeito pelo outro e que permite a aprendizagem e o

desenvolvimento de atitudes e comportamentos, que se colocados em prática, asseguram ao homem a possibilidade de viver em paz, sem violência, com si mesmo e com os outros.

2. COMUNICAÇÃO NÃO-VIOLENTA:

“A menos que nos tornemos a mudança que desejamos ver acontecer, como diria meu avô, nenhuma mudança jamais acontecerá”

Aru Gandhi

2. 1. DEFINIÇÃO:

Rosenberg (2006) considera comunicação não-violenta (CNV) o falar e o ouvir que possibilita uma entrega do indivíduo onde a compaixão possa florescer, mesmo em situações adversas. A abordagem apresentada por ele possibilita uma reformulação pragmática da maneira como nos expressamos e escutamos, promovendo um aprofundamento nas relações pessoais e profissionais e tem sido muito utilizada em todo mundo na mediação de disputas e conflitos em diversos âmbitos.

2. 2. O MODELO TEÓRICO:

Veremos a seguir alguns elementos centrais da metodologia desenvolvida por Rosenberg, para avaliar o processo de comunicação, que para ele é composto de quatro componentes, a saber:

1. OBSERVAÇÃO
2. SENTIMENTOS
3. NECESSIDADES
4. PEDIDO

2. 2. 1. OBSERVAÇÃO:

*Nunca vi um homem preguiçoso;
já vi um homem que nunca corria
enquanto eu o observava e já vi
um homem que às vezes dormia
entre o almoço e o jantar e ficava
em casa em dia de chuva,
mas ele não era preguiçoso.
Antes que você me chame de louca,
pense: ele era preguiçoso, ou
apenas fazia coisas que rotulamos de “preguiçosas”?*

*Nunca vi uma criança burra;
já vi criança que às vezes fazia
coisas que eu não compreendia,
ou as fazia de um jeito que eu não planejava;
já vi criança que não conhecia as mesmas coisas que eu;
mas não era uma criança burra;
pense: era uma criança burra ou
apenas sabia coisas diferentes das que você sabia?...*

Ruth Bebermeyer

A descrição do que é observado, de modo específico e contextualizado sem avaliação moral, permite ao interlocutor ouvir a mensagem que se deseja transmitir; porém, quando a mensagem é acompanhada de avaliação moral, em geral ela provoca uma reação emocional que tende a despertar no outro sentimentos de crítica e julgamento.

Com frequência, segundo Rosenberg (2006), pessoas descrevem fatos e simultaneamente expressam suas avaliações dos mesmos, gerando impactos comunicacionais distintos, como vemos no quadro abaixo (pg. 55 e 56)

| OBSERVAÇÃO COM AVALIAÇÃO | OBSERVAÇÃO SEM AVALIAÇÃO |
|---------------------------------------|--|
| VOCÊ É GENEROSO DEMAIS | QUANDO VEJO VOCÊ DAR PARA OS OUTROS TODO DINHEIRO DO ALMOÇO, ACHO QUE ESTÁ SENDO GENEROSO DEMAIS |
| O TRABALHO DELA NÃO SERÁ ACEITO | ELA DISSE QUE SEU TRABALHO NÃO SERÁ ACEITO |
| CARLOS É FEIO | A APARÊNCIA DE CARLOS NÃO ME ATRAI |
| ZEQUINHA É PÉSSIMO JOGADOR DE FUTEBOL | EM 200 PARTIDAS ZEQUINHA NÃO MARCOU NENHUM GOL |

2. 2. 2. SENTIMENTOS:

Denominamos de comunicação verdadeira, a que exprime como as pessoas estão se sentindo diante de diversas situações que vivenciam; ela não é freqüente na cultura ocidental, que estimula muito mais o aprender a atender as expectativas dos outros, do que estar em contato com elas mesmas.

Rosenberg (2006) descreve esta dificuldade contando o caso de um aluno em um seminário de CNV, que não conseguia dormir porque um colega de quarto ligava o som muito alto; quando indagado a respeito de como se sentia diante deste fato, ele respondeu:

1. que não era certo tocar música tão alto da noite
2. que pessoas que agem assim têm distúrbios de personalidade
3. que não tinha absolutamente sentimento algum

Pode-se constatar que por três tentativas o rapaz não conseguiu expressar o que sentia, mas sim apresentar hipóteses explicativas para o fato; seja porque houvesse uma barreira interior em verbalizar sentimentos hostis, como raiva e ódio, seja por temer ser rejeitado pelo professor por expressar claramente os seus sentimentos.

Em um conflito de casal, menciona Rosenberg (2006) a esposa conseguia verbalizar que nunca sabia o que o marido sentia e que achava que estava casada com uma parede; tinha dificuldade para dizer que se sentia sozinha no relacionamento pela ausência de intimidade emocional, gerando com este comportamento maior dificuldade em ser compreendida e estimulando a defensividade do outro.

O verbo sentir nem sempre vem acompanhado de sentimentos e em muitas situações seria correto utilizar o verbo pensar, crer, achar, considerar, bem como podemos expressar sentimentos sem utilizar o verbo sentir na construção da frase. Por exemplo: sinto-me irritada é similar a dizer estou irritada.

Um aspecto bastante profundo, segundo os pressupostos da CNV, a respeito do componente sentimento é que aquilo que se escuta é apenas um estímulo e não a causa dos sentimentos, que ressalta a responsabilidade do indivíduo quanto que escolhe fazer antes de expressar seu próprio sentimento; observa-se com bastante frequência a dificuldade de expressar abertamente sentimentos diante de estímulos dolorosos, que desencadeiam reações defensivas, tais como amargura, ressentimento e racionalizações impregnadas de crítica e julgamento.

2. 2. 3. NECESSIDADES:

Quando as pessoas falam de suas necessidades e dificuldades para supri-las, ao invés de se focarem nos impedimentos que os outros lhes causam, observa-se o exercício do protagonismo e o aumento de resultados satisfatórios a favor do atendimento das mesmas. Algumas necessidades humanas essenciais são:

- autonomia
- celebração
- integridade
- interdependência
- lazer
- comunhão espiritual
- necessidades físicas

Quando assumimos culpa e responsabilidade pelos sentimentos dos que estão a nossa volta pode ocorrer:

1. escravidão emocional – eu sou responsável pelo que o outro está sentindo
2. irritação emocional – temos raiva porque inconscientemente assumimos responsabilidade pelos sentimentos dos outros, apesar de não desejar fazer isto
3. libertação emocional – quando se assume a responsabilidade pessoal pelos próprios sentimentos e se reconhece que os outros não são responsáveis pelos mesmos

Rosenberg(2006) afirma que a plenitude de consciência do que sentimos promove em nós a compreensão de nossas necessidades e que pode ser anulada quando justificamos nossos sentimentos pelos que os outros fazem ou deixam de fazer, dizem ou deixam de dizer.

“No âmago de toda raiva esta uma necessidade que não esá sendo atendida. Assim, a raiva pode ser valiosa se a utilizarmos como um despertador para nos acordar, para percebermos que temos uma necessidade que não esta sendo atendida; além disso, é preciso redirecionar a força que dirigimos para punir os outros, para focar o que está se atendimento” (op. cit., pg.202)

“A violência vem da crença de que as outras pessoas nos causam sofrimento e portanto merecem ser punidas”(op. cit., pg. 205)

Diante da escuta de mensagens difíceis pode-se:

1. culpar a si mesmo
2. culpar os outros
3. perceber os próprios sentimentos e necessidades
4. perceber sentimentos e necessidades dos outros

A comunicação não-violenta nos ajuda a compreender e distinguir nossos próprios sentimentos e a partir disto, podemos decidir o que fazer com eles, ao invés de investir nossa energia naquilo que consideramos estar errado nos outros, ou em nós mesmos. Deste modo é possível criar um estado mental mais pacífico e relacionamentos não-violentos.

2. 2. 4. PEDIDO:

Quando necessidades não atendidas são percebidas e se faz necessário supri-las, é muito importante aprender a apresentá-las aos outros em forma de pedido positivo, que possibilite ao outro compreender a falta percebida e a relevância de seu atendimento; muitas vezes é mais imediato verbalizar o que não queremos do que o que desejamos, de modo específico e detalhado.

A falta de clareza para se expressar o que se deseja, com freqüência gera confusão interna, frustração e depressão, à medida que diante da inconsciência da responsabilidade pessoal, tende-se a depositar nos outros 100% de responsabilidade por sua satisfação.

2. 3. APLICAÇÃO:

Segundo Rosenberg (2006), saber reformular um pedido de modo consciente, diz respeito a estar preparado para discernir as inúmeras possibilidades de resposta que o interlocutor pode dar, já que não é possível controlarmos integralmente os efeitos de nossa fala nos outros, como também estarmos preparados a fazer ajustes no processo de comunicação.

Um problema freqüente que ocorre nos processos de comunicação, é crer que algum tipo de pedido sempre deverá ser atendido; “quanto mais interpretamos como rejeição o não-atendimento de nossas solicitações, mais provável será que nossos pedidos sejam entendidos como exigências”(op. cit., pg 120). Por esta razão, é muito importante discernir se o objetivo é sincero e empático, ou uma exigência camuflada, para que o processo de comunicação seja honesto e atenda as necessidades de todos os envolvidos.

A maneira adequada de receber o que os outros nos falam, é denominada por Rosenberg (2006) de “receber com empatia”(pg. 133) que significa estar presente na escuta, com uma postura respeitosa diante do que os outros estão vivenciando, até que possa pedir ajuda e esboçar soluções. Ao invés de se ocupar com o que deve ser dito, o ouvinte empático apenas ouve atentamente o que se passa com o outro; quanto mais nos abrimos para escutar os sentimentos e necessidades das pessoas, inclusive em situações de violência, seqüestro e delinqüência, sem reagirmos aos estímulos emocionais que estas situações

geralmente desencadeiam, torna-se possível permanecer focado em compreender empaticamente o que ocorre com eles e desarmar a agressividade e violência, o que nem sempre ocorre quando lidamos com pessoas próximas, em virtude dos estímulos afetivos, que rapidamente suscitam a expressão de sentimentos de modo impulsivo, sem uma adequada análise e reflexão.

Quando se foca no que o outro verbaliza, podemos permanecer empáticos diante de sua agressividade, de seu silêncio e sua fala superficial, pois a essência de empatia é a capacidade de estar atento ao que está ocorrendo com a outra pessoa; quando somos empáticos expressamos compaixão verdadeira pelos outros seres humanos.

Não somos empáticos, sem que dentro de nós desperte a consciência do valor e significância da interação humana, embora seja freqüente ver os outros como indivíduos cheios de falhas, gerando como consequência violência, ao invés de humildade e compaixão. Neste sentido, precisamos aprender a perdoar, aceitando a falibilidade humana, para que possamos aprender a crescer fazendo escolhas diferentes a partir da reflexão compassiva.

3. CRISTIANISMO:

E disse Jesus: “Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles; porque esta é a Lei e os Profetas” (Mt 7:12)

3. 1. DEFINIÇÃO:

O termo latim **anno domini**, que na língua portuguesa significa “no ano do Senhor” foi criado no ano 540, século VI por um monge romeno chamado Dionísio, estudioso de matemática e astronomia, reconhecido publicamente como sábio em Roma. Esta forma de datação é reconhecida internacionalmente pela ONU e marca o calendário a partir do ano 1 da Era Cristã, ou Era Comum, cuja abreviatura mais usual no português é d.C, ou seja depois de Cristo (Wikipédia).

Tal ocorrência se deu em virtude do impacto que a vida, a morte e a ressurreição de Jesus de Nazaré, causou na história da humanidade, estabelecendo uma marca no tempo, que foi dividido em a.C (antes de Cristo) e d.C (depois de Cristo), à medida que a cosmovisão cristã alterou drasticamente a possibilidade de relacionamento de todo e qualquer homem, independentemente de sua posição social, econômica, intelectual, com Deus, com os demais seres humanos e a realidade circundante.

A vida de Jesus, sua história e os seus ensinamentos são na atualidade razão de muita controvérsia e discussão, uma vez que os registros bíblicos são inequívocos quanto aos aspectos incontestáveis da natureza divina de Jesus. As escrituras sagradas, ou apenas bíblia é composta por 66 livros, 37 escritos antes do nascimento de Jesus e 29 após, organizam um campo de conhecimento, uma epistemologia cristã, conhecida e experimentada, ao longo dos séculos, por todos que aceitaram que Ele é a expressão máxima do amor de Deus pela humanidade.

Escreve MacArthur (2006):

“A filosofia pós-moderna diz que não existe tal coisa como verdade absoluta, ou se houver será impossível de ser conhecida. Segundo o pós-modernismo, a verdade nada mais é do que uma criação da mente humana; as pessoas determinam sua própria realidade e portanto ninguém tem “a” verdade (op.cit., pg27) e continua: o ceticismo foi entronizado e consagrado enquanto que a fé confiante foi banida e exorcizada. A única coisa de que podemos estar certos é que não podemos estar certos de coisa alguma. Ter convicções fortes sobre qualquer coisa (outra que não seja nossa própria

inabilidade de descobrir a verdade) é tido como inerentemente intolerável, até mesmo perverso. Além disso, de acordo com o modo de pensar pós-moderno, pouco adianta tentar combater as falsas idéias, com a s verdadeiras, afinal de contas, eles dizem que se alegamos que temos a verdade, nos tornamos exatamente tão maus quanto os terroristas. Então em vez disso, a inteligência pós-moderna está fazendo o que pode todo para tirar de todo mundo a noção arcaica de que verdade absoluta e objetiva é passível de ser conhecida de alguma forma (op.cit., pgs 29 e 30).

Segundo o autor, o Cristianismo sempre sustentou a veracidade, integridade, racionalidade, inerrância e autoridade das escrituras sagradas, sendo verdade para uma pessoa, quanto é para outra, à medida que, como se pode ler na bíblia:

“Toda a escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e plenamente habilitado para toda boa obra” (2 Tm 3:16-17)

Discorrer sobre o Cristianismo requer primeiramente um convite ao leitor para uma imersão nas escrituras sagradas, a bíblia, onde é possível conhecer as palavras de Deus, como luz e direção para todas as situações da vida humana; algumas delas serão apresentadas a seguir para que se possa conhecer a essência amorosa de um Deus. Deus este compromissado em ensinar a humanidade a amar seu criador, bem como os outros seres humanos, sejam eles amigos, ou inimigos, sendo a pedra fundamental, se assim pode-se dizer, para o estabelecimento de uma cultura não-violenta.

Em inúmeros registros, nos livros de Mateus (Mt), Marcos (Mc), Lucas (Lc) e João (Jo), que narram nas escrituras sagradas a vida de Jesus, temos a oportunidade de meditar sobre suas atitudes de amor, compaixão, coragem, perseverança e integridade para que os homens, feitos à imagem e semelhança de Deus (Gn 1:26-27) vivessem em harmonia e em conformidade com o que foi estabelecido pelo criador que:

“Tanto amou o mundo que deu seu filho unigênito para que todo o que Nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna”(Jo 3:16)

2. 2. JESUS CRISTO:

Porque há um só mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem (1TM 2:5)

Desde a criação do primeiro casal humano, como se lê no livro de Gênesis, capítulo 1, o desejo de Deus era poder cuidar de sua criação, estar presente na vida diária, ser reconhecido como pai espiritual, autor e guardião da vida de seus filhos; no entanto, para ser legitimamente um pai, que defende como premissa que amar é uma escolha de quem é livre, Ele permitiu ao casal original que escolhesse ouvi-Lo e Nele crer, como também ouvir a si mesmos e escolher o seu próprio caminho.

Desde então, faz vinte e um séculos, tem sido a caminhada da humanidade: escolher deixar-se guiar por um Deus, que se deixa conhecer através de seu espírito, revelado na bíblia, ou guiar-se pela sua própria sabedoria, independente da conexão espiritual com Deus, em suas três dimensões: o Pai, que criou todas as coisas, o Filho, Jesus, que entre os homens viveu, para cumprir e ensinar os mandamentos de Deus e o Espírito Santo que permanece atuando, de forma a proteger, transformar e guiar a vida daqueles que creram que Deus é real, atemporal e acessível para todos os que O buscam com toda sua alma, força e coração.

Este Jesus, que muitos esperavam viria ao mundo como um rei político, defensor de causas humanas, veio na verdade trazer à humanidade a oportunidade de se reconectar e se harmonizar com seu criador, o Pai de tudo que existe, por Ele criado. Veio para ser o caminho de acesso que conduz à verdade e a vida, ensinando o sentido pleno do amor que é o perdão, a humildade, o altruísmo. Veio para questionar a mesquinhez, desmascarar a hipocrisia dos que ensinam, mas não vivenciam o que pregam, veio em última instância para dar fim ao autor das forças espirituais do mal, que geram violência e morte, pretendendo fazer o homem descreer que há sim um Deus que é amor, autor da vida, disponível, passível de ser encontrado, que vive e reinará eternamente.

A morte de Jesus na cruz se consumou não porque judeus e romanos foram injustos e maus em seus julgamentos, mas sim porque desde o princípio este seria o meio para que o mundo pudesse reconhecer o mistério do plano divino de reconexão do homem com Deus que se consumaria na ressurreição do único que se tem notícia no mundo histórico tenha ressuscitado e que por estar vivo, apesar de invisível, permanece cumprido promessas de cura e libertação nas vidas, que

mesmo enfrentando o questionamento do discurso científico, estão sendo poderosamente abençoadas pelo Seu legado, através de suas sagradas palavras, feitas saber por homens que as registraram e que permanecem verdadeiras para todos os que a conhecem, aprendem e praticam.

Na atualidade, a dimensão espiritual tem sido reconhecida como real, por todo ser humano, mesmo o mais cético, mas a grande maioria das pessoas não explora em profundidade o livro que registra quem é Deus e os Seus feitos; por assim dizer, Deus inspirou seres humanos e foi criado o “Manual de Instruções” para que a vida da humanidade e do planeta Terra pudesse transcorrer como o “fabricante” idealizou.

A resistência em aceitar que o saber de Deus seja válido, para este mundo tão tecnológico, tem retirado da consciência humana a informação de que capacidade de Deus é imensurável e atemporal, levando muitos a preferir acreditar que o mundo criou-se de si mesmo e evoluiu naturalmente, pois crer na existência de Deus, criador e gestor da vida, pode ser uma grave ameaça para o constructo mental de identidade imposto pela argumentação lógica ao homem pós-moderno, que deve ser racional, ao ponto de não poder reconhecer que a vida de tudo que existe e continuamente é recriada, nada tem a ver e nunca terá, com explicações científicas que pudessem esclarecer o imenso volume de diferenças, que se pode contemplar sobre a face da Terra.

3. 3. PRINCÍPIOS BÍBLICOS:

Para demonstrar a atemporalidade dos ensinamentos e sua validade prática para os dias atuais, destacarei e comentarei, a seguir, alguns versículos das Escrituras Sagradas, repletos de mensagens não-violentas, ditas por Jesus:

1. *Venham a mim, todos os que estão cansados e sobrecarregados e eu lhes darei descanso. Tomem sobre vocês o meu jugo e aprendam de mim, pois sou manso e humilde de coração e vocês encontrarão descanso para suas almas. (MT 11:28-29)*

A proposta central do Cristianismo concentra-se na aceitação, pela fé, de que Jesus, o unigênito de Deus, assegura ao homem a possibilidade de ter seu caráter transformado para poder viver de modo tranquilo, pela crença que há um Deus que é vivo e que cuida de sua criação, orientando-o nas dificuldades, dúvidas, onde Ele participa ativamente do processo.

2. *Respondeu Jesus: Ame o Senhor, o seu Deus de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todo seu entendimento. Este é o primeiro e maior mandamento. E o segundo é semelhante a ele: ame o seu próximo como a si mesmo. (Mt 22: 38-39)*

Amar ao próximo significa dedicar tempo de vida aos outros, batalhar juntos em situações de dificuldades, ter espaço na agenda para escutar, cuidar, estar junto, como se o outro fosse nós mesmos.

3. *Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles; porque esta é a Lei e os Profetas” (Mt 7:12)*

A instrução aqui é de agir em relação aos outros como se esperaria ser tratado; ou seja, se esperamos ser tratados respeitosamente, façamos assim aos outros. Em semelhança à proposta de uma comunicação e uma vida não-violenta, este ensinamento é a essência do proceder humano para assegurar esta finalidade.

4. *Vocês ouviram o que foi dito: ame seu próximo e odeie seus inimigos, mas eu lhes digo: amem os seus inimigos e orem por aqueles que os perseguem para que vocês venham a ser filhos de seu Pai que está nos céus. (Mt 5:45)*

Os ensinamentos cristãos se opõem aos demais ensinamentos que defendem a resposta na mesma medida, pois ensinam a agir sem reagir, com ira e dasamor, quando somos agredidos, seja por atitudes ou palavras, ao ponto de se pedir a Deus que abençoe estas pessoas que ferem com atos e palavras.

5. *Entre em acordo depressa com seu adversário que pretende levá-lo ao tribunal. Faça isso enquanto estiver com ele a caminho, pois caso contrário ele poderá entregá-lo ao juiz, o juiz ao guarda e você poderá ser jogado na prisão. (Mt 5:25)*

Quantas situações em mediação de conflitos eliminam a disputa adversarial, à medida que promovem o diálogo? Jesus preconiza aqui a essência da mediação, por uma cultura de não-violência.

6. *Não julguem para que vocês não sejam julgados. Pois da mesma forma que julgarem, vocês serão julgados e a medida que usarem, também será usada para medir vocês. (Mt 7: 1-2)*

Muitos conflitos se originam quando um ser humano se autoriza a condenar outro, a partir de seus parâmetros, onde em geral se avalia superior e habilitado para agir

desta forma. No entanto, Jesus apresenta aqui um parecer espiritual, advertindo que o que o retorno para quem julga, será semelhante ao seu próprio procedimento

7. *Porque você repara no cisco que está no olho de seu irmão e não se dá conta da viga que está em seu próprio olho? Como você pode dizer ao seu irmão: Deixe-me tirar o cisco do seu olho, quando há uma viga no seu? Hipócrita, tire primeiro a viga do seu olho e então você verá claramente para tirar o cisco do olho do seu irmão. (Mt 7: 3-5)*

De modo contundente vemos que primeiramente, o foco de atenção do ser humano deve ser o próprio sujeito; a energia investida no cuidado com os outros só será proveitosa após a remoção das situações dolorosas em cada um de nós que se propõe a aconselhar, mediar, atender.

8. *Se o seu irmão pecar contra você vá e a sós com ele mostre-lhe o erro. Se ele o ouvir, você ganhou um irmão. (Mt 18:15)*

Não faça comentários, não divulgue para os outros conflitos e problemas pessoais; quando ofendido, esclareça pessoalmente o que sentiu, restabeleça a amizade, antes de se indignar, se sentir agredido.

9. *Vocês ouviram o que foi dito: Olho por olho e dente por dente. Mas eu lhes digo: não resistam ao perverso; se alguém o ferir na face direita, ofereça-lhe também a outra. E se alguém quiser processá-lo e tirar-lhe a túnica, deixe que leve também a capa. Se alguém o forçar a caminhar com ele uma milha, vá com ele duas. Dê a quem lhe pede e não volte as costas àquele que deseja pedir-lhe emprestado. (Mt 5: 38-42)*

Seja humilde quando humilhado; não se preocupe com a vergonha da humilhação, com a imagem que farão a seu respeito, pois o próprio Deus irá honrar e cuidar da situação.

10. *O maior entre vocês deverá ser servo, pois todo aquele que a si mesmo se exaltar será humilhado e todo aquele que a si mesmo se humilhar será exaltado. (Mt 23: 11-12)*

Cristianismo pressupõe a condição de servir aos outros, ser humilde e humilhado como o próprio Jesus, que por amor, o foi ao ser cuspidado, açoitado, ridicularizado publicamente, mas exaltado em sua ressurreição até o presente século. Há neste versículo uma orientação bastante contrária aos valores sociais de nossa época, onde pouco se valoriza atitudes de serviço e amor ao próximo, exceto nas profissões

de prestação de serviço aos cliente, onde técnicas de atendimento, respeito e valorização do cliente são preconizadas, com o objetivo de fidelização e lucro financeiro. Servir gratuitamente por amor, parece contrariar a ideologia social vigente que difunde excessivamente conceitos humanistas como auto-estima e auto-imagem, em detrimento de altruísmo, generosidade e compaixão

11. O que sai do homem é que o torna impuro, pois do interior do coração dos homens vêm os maus pensamentos, as imoralidades sexuais, os roubos, os homicídios, os adultérios, as cobiças, as maldades, o engano, a devassidão, a inveja, a calúnia, a arrogância e a insensatez. Todos esses males vêm de dentro e tornam o homem impuro. (Mc 7:20-23)

O que sai da boca do ser humano, bem como suas atitudes, são de total responsabilidade sua; ninguém pode ser responsabilizado pelas palavras que proferimos, ou deixamos de proferir, pois o modo como cada um desenvolve o próprio coração e como o usa na relação com os outros dependerá sempre de uma escolha individual e intransferível.

12. Então ele chamou as multidões e os discípulos e disse: se alguém quiser acompanhar-me, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me. Pois quem quiser salvar a sua vida a perderá, mas quem perder a sua vida por minha causa e pelo evangelho, a salvará. (Mc 8:34-35)

Dizer sim ao que Jesus anunciou, amar, dedicar-se ao cuidado de outros, seja físico, emocional, ou espiritual, aceitar dificuldades e frustrações, lidar com faltas, pressupõe colocar como meta o bem estar dos outros, acima do seu próprio; significa abrir mão do egocentrismo.

13. E quando estiverem orando, se tiverem alguma coisa contra alguém perdoem-no, para que também o Pai celestial lhes perdoe os seus pecados. Mas, se vocês não perdoarem, também o seu Pai que está nos céus não perdoará os seus pecados. (Mc11:25-26)

Como pessoas, somos imperfeitos, embora muitas vezes não consigamos ver isto em nós, mas com facilidade vemos as falhas alheias. Aqui há um outro princípio espiritual fundamental, o perdão, que só podemos receber de Deus, quando falhamos, se formos capazes de perdoar as falhas dos outros na convivência cotidiana.

3. 3. APLICAÇÃO:

Pode-se constatar nestas passagens, a constante ênfase no amor incondicional, na humildade, na mansidão, no perdão, na humilhação de si mesmo, para que os relacionamentos sejam colocados acima do ganho pessoal, do agir perverso, da violência, para que o bem do próximo seja a meta principal na vida de cada pessoa.

Para se poder compreender estes ensinamentos, foi preciso que Jesus também expusesse os perigos da hipocrisia, do autoritarismo daqueles que têm poder de liderança, como pode ser lido no livro de Mateus, capítulo 23:1-7:

“Então, Jesus disse a multidão e aos seus discípulos: os mestres da Lei e os fariseus se assentam na cadeira de Moisés; obedecem-lhes e façam tudo que o que eles lhes dizem, mas não façam o que eles fazem, pois não praticam o que pregam. Eles atam fardos pesados e os colocam sobre os ombros dos homens mas, eles mesmos, não estão dispostos a levantar um só dedo para movê-los. Tudo o que fazem é para serem vistos pelos homens. Eles fazem seus filactérios bem largos e as franjas de suas vestes bem longas; gostam do lugar de honra nos banquetes e dos assentos mais importantes nas sinagogas, de serem saudados nas praças e de serem chamados rabis (mestres)”.

Jesus na continuidade desta passagem os chama de hipócritas, raça de víboras, serpentes, guias cegos e os adverte sobre o juízo e a condenação eterna, pois deveriam ensinar o povo e viver os mandamentos de Deus, ao invés de oprimi-los, abusando de seu poder religioso.

Ser cristão envolve amar, o que difere de gostar, pois amar para Deus significa obedecer aos seus mandamentos, cuidar, dedicar tempo, se envolver com os outros, compreender suas necessidades, estar junto na adversidade e na alegria, servir, abrir mão dos próprios interesses, deixar o egoísmo, viver um estilo de vida simples, grato a Deus por poder ser chamado de Filho de Deus, pois “todos vocês são filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus”(Gálatas, 3: 26), já que creram.

4. O MEDIADOR CRISTÃO:

4. 1. PAPEL:

O papel do mediador cristão pressupõe que no exercício da função, este consiga articular uma intervenção imparcial, mas que jamais será neutra de sua visão de homem e de mundo (cosmovisão) que tem como eixo central a Palavra de Deus, acima de qualquer epistemologia organizada pela sabedoria humana e que deverá ser comunicada aos seus clientes, no início da intervenção.

Através de suas atividades como mediador, poderá, à medida da disponibilidade das partes em disputa, conduzi-las a uma reflexão aprofundada sobre temas cruciais relacionados ao viver humano tais como: o sentido que dão às suas vidas, o que é amor, o que tem de fato valor eterno e o que é efêmero, escolhas e conseqüências, relacionamentos, comunicação, etc., utilizando as escrituras sagradas como parâmetro balizador para as questões e dificuldades apresentadas, para que ao término do processo de mediação estejam mais aptos a estabelecer acordos, respeitando as diferenças de personalidades e aspectos individuais sem a necessidade de estabelecer posturas adversariais.

Neste sentido, os elementos apreendidos na metodologia da comunicação não-violenta, integrados à epistemologia cristã, agregam elementos muito positivos ao desenvolvimento do processo de mediação, favorecendo a análise:

- De como as partes estão apresentando suas necessidades e lidando com seus sentimentos na interação
- De como as partes cuidam do atendimento de suas próprias necessidades e das dos outros envolvidos
- De como ajustam sua própria maneira de ver e lidar com os fatos e os outros a partir da orientação bíblica

Após análise é possível reflexão, correção de atitudes e escolha pela mudança, buscando agradar mais a Deus e ao próximo, tendo como alvo a plenitude do exercício do amor, ou em outras palavras da não-violência.

4. 2. LIMITES E DESAFIOS:

Diante do pressuposto da soberania da Palavra de Deus sobre verdades pessoais, como aspecto central da cosmovisão cristã, torna-se imprescindível ao mediador facilitar a identificação das diferenças pessoais, disponibilizando-as às partes para que possam submetê-las ao que Deus apresenta como correto; neste sentido, a função do mediador cristão é a de ser um facilitador do alinhamento das vontades das partes à vontade de Deus, com a identificação das distâncias identificadas, para que os envolvidos em disputa, possam se conscientizar e alterar o comportamento gerador de conflito.

De acordo com Muskat (2008) não há condição de se proceder a mediação, se não houver interesses mútuos, ou algum tipo de objetivo mobilizador para ambas as partes. Continua a autora: “Para que duas pessoas possam a vir a se interessar por qualquer tipo de negociação, pressupõe-se que ambas desejam alguma coisa que a outra tem, ou querem preservar alguma coisa que lhes pertence - como empresa, os filhos, o patrimônio”(op.cit., 52-53), **ou a aliança com Deus** (grifo meu)

Quando a epistemologia que norteia o mediador não está clara para o mesmo, incorre-se na impossibilidade de preparar pessoas para o desenvolvimento de um processo de transformação de larga escala, à medida que as alterações a nossa volta, sempre pedem por uma prévia análise do contexto e identificação dos elementos que promovem, às vezes, de modo inconsciente, conflitos nas interações sociais, por vezes nunca questionados, muito menos reavaliados e alterados (Muller, 2006).

Neste sentido, pensar no desenvolvimento de uma cultura não-violenta pressupõe o conhecimento prévio dos elementos-chave intrínsecos à vida e aos relacionamentos humanos que são incompatíveis com temas fundamentais como a empatia, verdade, integridade e amor ao próximo, seja ele amigo, ou adversário.

4. 3. UMA SITUAÇÃO CLÍNICA:

A mãe de uma jovem de 21 anos procurou ajuda psicológica pedindo orientação para a problemática que estava vivenciando com sua filha, que tem um filho de 3 anos de idade e que estava apresentando diversos e fortes sinais de descontrole emocional, com muita agressão verbal e atitudes violentas, pelo fato do pai da criança não desejar mais viver com ela e a criança.

Após a primeira consulta com a mãe, para levantar dados relacionados a vida familiar para compreender um pouco melhor a dinâmica do relacionamento desta com a filha, o neto e seu marido, foi indicado chamar a família para a próxima consulta, onde compareceram a jovem, sua mãe e seu pai.

De modo bastante resumido foi observado que a estrutura pai – mãe – filha era liderada pela filha e não existia nesta a percepção que era a filha, comportando-se como “tutora” das idéias e comportamentos de seus pais; seu posicionamento incorreto na estrutura familiar, com consentimento de seus pais, que indiretamente o favoreceram, criando a filha como centro de suas vidas, criou uma dinâmica de tirania onde a filha mandava e eles a obedeciam, também brigando entre si quando se evidenciava que um ou outro estavam buscando um ajuste melhor, já que ninguém estava consciente de sua participação no conflito familiar ; por outro lado, esta filha reclama indiretamente nas entrelinhas de sua queixa, da falta de orientação de pais e o quanto necessita que sejam claros e assertivos.

A linha de raciocínio, com base na Palavra de Deus por onde foi iniciado o atendimento desta família, encontra-se no livro de 1 Pedro, capítulo 3, a respeito de deveres conjugais que ensina que ao homem compete a tarefa de ser o cabeça de sua esposa, amando-a como Jesus ama a igreja e que deve protegê-la como vaso mais frágil; da mesma forma a mulher deve se sujeitar ao seu marido. Aos filhos, Deus orienta-os no livro de Colossenses, capítulo 3 versículos de 20 a 21, que obedçam seus pais em tudo, pois isto O agrada e que os pais não irrite seus filhos, para que eles não desanimem.

Para a filha fica mais difícil obedecer aos pais, diante da inexistência de limites claros e regras de funcionamento de organização da casa; com o retorno dela e de seu filho para a casa de seus pais o conflito se apresenta, dando oportunidade de

cada um deles rever erros que tem sido cometidos e gerado problemas, em decorrência do não entendimento e prática da orientação de Deus nesta área de suas vidas.

O trabalho nesta mediação de conflitos tem se alicerçado em:

- Apresentar a eles o que Deus estabelece para a convivência familiar
- Examinar os fatos e o quanto se enquadram ou não nas diretrizes bíblicas
- Ajudar a planejar e manejar decisões cotidianas a partir de um padrão bíblico garantindo um padrão de comunicação respeitoso e não-violento
- Apontar resistências individuais para a mudança de atitude
- Apoiar o processo de conscientização e transformação individual e familiar

A mãe que era o escudo protetor da filha e controladora de todo funcionamento doméstico tem podido ser mulher, mãe e esposa, reconhecendo que não é bom pretender agir como fazia inicialmente; o pai, que era gerenciado pela esposa e pela filha, está administrando os gastos e contas domésticas, resgatando o lugar e a responsabilidade como marido e pai e a filha, está aprendendo a aceitar e confiar na liderança e cuidado de seus pais sobre ela e ao mesmo tempo dando mais atenção ao seu papel como mãe de uma criança de 3 anos de idade que precisa muito mais dela do que seus pais.

Confiar que o manual de instruções de DEUS para a vida seja muito mais seguro que toda a produção que a sabedoria humana possa produzir é um ato de liberdade e escolha que tem levado muitas pessoas a um nível de qualidade de vida jamais antes experienciado, onde não se faz necessário o uso do jargão popular: satisfação garantida, ou seu dinheiro de volta, já que de DEUS só é possível receber o que é bom para o desenvolvimento físico, emocional e espiritual, afinal se para Ele o ser humano não fosse singular e especial não haveria nem porque ter criado um manual de instrução tão específico e tão detalhado: Lemos no segundo livro de Timóteo, capítulo 3, versículo 16:

“Toda a Escritura é inspirada por DEUS e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça, para que o homem de DEUS seja apto e plenamente preparado para toda boa obra”

Quando o instrutor para a vida passa a ser o próprio DEUS, ocorre o que se chama no contexto religioso cristão de conversão de um caminho solitário, respaldado em tentativas de ensaio e erro para o retorno à dependência da bondade

e poder de DEUS, de acordo como foi por ELE previsto ao criar o homem e a mulher.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Cristianismo e não-violência têm em comum o profundo amor pela vida humana, que se expressa pelo compromisso com uma escuta empática e respeitosa, tolerante com as falhas e dificuldades alheias, sem uma atitude de julgamento e crítica que gere humilhação e perpetue o ódio, o ressentimento entre os seres humanos.

Transformar uma cultura repleta de disputas, em especial pela dificuldade de estabelecer um relacionamento e uma comunicação não-violenta, entre as pessoas, pode ser percebido como uma tarefa de dimensões gigantescas se não for possível iniciar a tarefa em nós mesmos.

O ser humano é livre para decidir entre viver visando a própria felicidade, ou ser feliz por ter decidido amar o próximo, alcançando a plenitude do comunicar não-violenta. Na perspectiva da epistemologia cristã, amar o próximo, como a si mesmo é a maior contribuição de Jesus Cristo: o caminho, a verdade e a vida, que veio implantar na Terra, quando aqui viveu e que perpetua implantando, sempre que o homem decide viver de acordo com as regras do Reino de Deus, disponíveis, ontem, hoje e sempre para todo aquele que Nele crer, para que não perecerá no tempo presente e por toda eternidade, afinal esta é uma promessa Daquele que gerou e permanecerá gerando a vida animal, vegetal e humana.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

GALTUNG, Johan. O caminho é a meta. São Paulo: Palas Athena, 2003

ROSENBERG, Marshall B. Comunicação não-violenta. São Paulo: Ágora, 2006

MULLER, Jean-Marie. Não-violência na Educação. São Paulo: Palas Athena, 2006

MACARTHUR JR, John. Princípios para uma Cosmovisão bíblica. São Paulo: Cultura Cristã, 2003

KANT, Emmanuel. La religion dans les limites de la simple raison. Vrin, Paris, 1983

MUSKAT, Malvina Ester. Guia prático de mediação de conflitos. São Paulo: Summus, 2008

BÍBLIA SAGRADA, Nova Versão Internacional. São Paulo: Editora Vida, 2000